

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Unidade Militar

### Onde estão os lídimos representantes de Guimarães? O que fazem as forças vivas?

Na cidade caiu, como uma bomba, a notícia de que o material de aquartelamento do antigo Regimento de Infantaria 20 — hoje aquartelado na Figueira da Foz — do dissolvido Batalhão de Metralhadores 2 — que tem hoje a sua sede em Coimbra — ia recolher à sede do Regimento de Infantaria 8, deixando de existir o Depósito em que foi transformado o Núcleo de Instrução.

Quantas andanças e mudanças! Não vamos discutir ordens superiores, pois não há justificação para a existência dum agrupamento militar tal como hoje existe nesta malfadada terra.

Não temos interesses imediatos na existência de qualquer unidade militar em Guimarães.

Mas vimos defender os interesses desta cidade que não são evidentemente os interesses dos indivíduos que mal escodem o seu ódio pelas instituições militares, que não são evidentemente os interesses dos indivíduos que põem os seus ódios pessoais, também mal disfarçados, acima dos interesses de Guimarães.

Por factos que são do domínio público, Guimarães deixou de ter uma unidade militar.

Por factos idênticos, outras terras do país, menos importantes que Guimarães, deixaram de ter as unidades militares lá aquarteladas. Mas só momentaneamente essas unidades lá deixaram de existir, pois essas terras, orgulhosamente, podem dizer:

«Graças aos esforços dos nossos representantes conseguimos que os Poderes Centrais nos fizessem justiça.

Pedimos com respeito, mas com convicção e firmeza. Justiça nos foi feita.»

E em Guimarães? Um vagos comissões têm subido as escadas do Terreiro do Paço, mas de duas uma: ou não têm envergadura precisa para que os Governantes os escutem com atenção, ou então pedem por pedir, sentindo talvez um contentamento secreto em não verem satisfeitas as suas representações.

Aí vão as razões em que apoiamos esta nossa suposição: Alguém disse que não reconhecia vantagens na colocação dum unidade militar em Guimarães.

Não concordamos, porque só por má vontade pode fazer-se uma afirmação como esta.

Não há vantagens na existência dum unidade militar numa localidade?

Por parvoíce não pode ser dito a não ser que se queira utilizar o argumento apresentado por outro: «Uma unidade militar para quê? Para os impedidos dos oficiais andarem a... desinquietar as nossas sopeiras.»

A expressão empregada é muito mais forte. Ainda outro argumento de peso: «Sim, sim. Viesse para aqui uma unidade e teríamos os oficiais reviraltistas nela encaixados.»

Quere dizer, o cavalheiro que assim argumentou pretende ser mais estrénuo defensor da situação vigente de que sua ex.ª o sr. Ministro da Guerra.

Pelo que sabemos, sua ex.ª vem colocando em unidades de combate os oficiais «reviraltistas» — como são apelidados pelo ódio vesgo que de tão maldoso não cansa — sem receio de qualquer espécie.

Ora não nos consta que o cavalheiro ou cavalheiros que apresentam o argumento acima tenham prestado qualquer importante serviço à situação, ao contrário de sua ex.ª o sr. Ministro da Guerra que prestou e presta serviços reais à situação.

Esses cavalheiros só servem para os «vivas» e para mais nada. Pertencem a uma fauna muito especial que há em todas as situações que sejam das direitas, quer sejam das esquerdas.

São como os moluscos que se agarram aos cascos dos navios e que só agarrados podem singrar. Sabe-se que, muitas vezes, os navios entram em doca seca para ser limpo o casco das ventosas de tal bicharia.

Ora toda esta má vontade contra a existência dum unidade militar em Guimarães, é e foi arquitetada por indivíduos que apresentando as opiniões mencionadas, mal disfarçam o seu ódio pelas instituições militares e encontram no seu proceder um motivo de satisfação para ódios insatisfeitos.

Talvez a colocação dum unidade militar em Guimarães lhes viesse fazer um pouco de sombra.

«A bom entendedor...»

Com a saída do material de aquartelamento existente nos Paços dos Duques de Bragança — tão precisados dum restaurozinho alentador — é dado o golpe-mestre numa futura e provável colocação dum unidade militar na velha Araduca — seja-nos permitido empregar o termo consentâneo com os espíritos que pairam no velho castelo dos Almadas — que se tivesse umas rodinhas já não estaria no mesmo sítio —, seja-nos permitido também usar o termo dos sábios que estudam, com as lupas dos seus olhos investigadores as hieroglíficas siguidades que as andorinhas, dos séculos passados, nas suas migrações, deixaram cair sobre qualquer calhau.

Mas não resvalemos no campo da arqueologia, pois não queremos aumentar o número de arqueólogos e artistas que modram nesta cidade. Arqueólogos há muitos... daquele tamanho.

Toda a cidade enferma dum arqueologite aguda. Tudo esburacado, tudo derruido, nenhuma sequência nos trabalhos a realizar, hoje parados, amanhã atamancados, numa desordem que não calha com o espírito de ordem que preside à hora que passa.

Jogo franco, cartas na mesa: A cidade não é e não pode ser o feudo de arqueólogos.

A cidade tem a sua vida, cujo ritmo não pode ser entravado por mafacos de calção, sapato de fivela e perruca.

Todos os restauros que queiram. Ninguém mais do que nós possui o respeito pelos velhos monumentos, tão devastados pela estupidez que cobriu a calças e talhas douradas, preciosas jóias arquitectónicas.

Salvemolas. Mas tudo tem a sua medida. Não queiramos erguer castelos onde eles não existiam.

Que os restauros não sirvam de pretexto para entrar a marcha progressiva dum cidade.

Guimarães teve uma unidade militar, Guimarães precisa dum unidade militar porque da colocação, aqui, dum unidade militar, muito depende o progresso moral e material da nossa terra.

Alguém nos desmentirá?

Mas para que esta aspiração seja um facto, é preciso que todas as forças morais e vivas de Guimarães se congreguem, que vão junto dos Poderes Centrais dizer da sua Justiça, respeitosa e firmemente.

E estamos convencidos que os Poderes centrais atenderão os desejos dum cidade inteira. Mas é preciso afastar os empates de verbalismos ócos.

E preciso levar lá baixo a voz forte da verdade.

E preciso que Guimarães se faça ouvir.

Não mandemos lá baixo homens de casaca em atitudes servís.

Mandemos lá baixo uma representação onde se reúnam os lídimos representantes de Guimarães, os homens dos Sindicatos e Associações, os homens do Comércio e Indústria, os representantes do Povo-que trabalha e do Povo que dirige, representantes de todas as forças morais e materiais de Guimarães, que digam aos Governantes o que se pode dizer com respeito, mas com firmeza:

«Guimarães quer e há-de ter uma unidade militar.»

E os Governantes, homens de Justiça, reconhecerão a Justiça de Guimarães.

UM VIMARANENSE.

## A UMA PEQUERRUCHA QUE ME PEDE UMA HISTÓRIA...

... Que me davas um beijo e um abraço  
Por uma história amena em luz e cor...  
Encosta a cabecita em meu regaço  
E escuta lindo amor:

Uma vez, num jardim,  
Uma rosa de chá a um jasmim  
Pedi o seu conselho:  
Porque um cravo gentil, de haste alfenim,  
Odososo e vermelho,  
Alt, do seu canteiro,  
Mas ao alto de todos no craveiro,  
A olhava noite e dia  
Com seu olhar de troça, chocarreiro,  
E um riso de ironia!...

«— Aquele riso, sabes, é tal qual  
«A lâmina brunida dum punhal,  
«A rasgar-me a corola, com frieza!...  
«E eu sinto minhas pétalas, trementes,  
«A quererem murchar, tombar doentes!...  
«Todo o meu corpo cheio de tristeza!...  
«Que mal fiz eu ao cravo impertinente?!...»

Vai o jasmim lhe diz mui docemente:

«— Atende minha rosa,  
«O' linda como Ofélia:  
«E' que o cravo estremece uma camélia  
«Ridícula e vaidosa!...  
«A ela só lhe falta o teu odôr!...  
«Ele roubar-to quer  
«Para lh'o dar num beijo de esplendor,  
«Fazendo-a sua mulher!...»

A rosa entristeceu,  
Sentiu um tal agravo,  
Um abalo tamanho  
Como não vi memória!...  
Sobre a haste pendeu  
E num tremor estranho  
Morreu!...

E expirou d'amor por muito amar o cravo!...

Dá-me o beijo e abraço!... E acabou-se a história...

Outubro de 1935.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

## A falta dum Teatro em Guimarães

Como os leitores já devem ter conhecido, este ultimamente em Braga uma das nossas melhores Companhias de declamação, a cujos espectáculos foram assistir muitos dos nossos conterrâneos. Foram e fizeram muito bem.

E Guimarães, continua, em vão, a clamar contra a falta dum casa de diversões e chorando a sua vergonha.

Todas ou quasi todas as terras nossas vizinhas se orgulham de possuir um teatro limpo e aseado, e Guimarães, que também tem vida e recursos, nem sequer tem um circo de cavallinos!

Não tem coisíssima nenhuma! Nem ao menos um triste cosmorama ou o homem exibindo o urso a tocar pandeireta.

Tem empatas e nada mais! Que o digam os srs. dr. João Rocha dos Santos e João Teixeira de Aguiar que tanto trabalharam e que tantas arrelhas e desgostos sofreram a tal respeito.

E é por estas e por outras assim, e pelo mais que se há-de saber, que Guimarães não caminha nem acompanhada as outras cidades e vilas.

Mas isto tem de acabar e acabará! Mas enquanto não acaba, Guimarães continua a lamentar-se, a chorar a sua desdita.

E nós, que mantemos o mais arreigado amor pela nossa terra, continuamos na brecha, quer queiram quer não, aqui... ali... e acolá... em tom mais ou menos gemebundo:

O' terra desventurada!  
«Bêrço» de tão boa gente!  
Fecharam te o «D. Afonso»...  
E finou-se o «Gil Vicente».

Que pena!...  
Havemos de cantar sempre, sim!  
Cantar... barafustar... e repontar!...  
Pretar não quer fava?  
Fava no prelo!  
Bem ou mal havemos de cantar constantemente.

Cantamos mal?  
Acabou-se. E' sorte...  
Não somos roussinóis nem pretendemos escritura na Ópera... no Lírico.

Somos artistas sem empresário... Somos artistas modestos... cantadores ambulantes e dilettantes... como se diz na língua francesa.

Somos cantores modestos, sim, mas em compensação não estendemos a bandeja.

Cantamos por amor del arte ou seja de borla e a seco, como sempre.

Cantamos do fundo da alma, do íntimo do coração, e não por basfóia ou para fazer a fita, como soi dizer-se nestes tempos que decorrem.

Não gostamos de penas de pavão nem de sabáia.

Somos humildes serezesinhos embora primos consanguíneos dos roussinóis e dos pintassilgos de três bétas.

O que nós temos de cantar ainda a propósito do teatro!...

O' Pai da Vida!  
Temos matéria que há-de ultrapassar os sete volumes da História de Portugal, ainda em publicação!...

Guimarães sem uma casa de espectáculos!

Verdadeiramente inacreditável, pois não é verdade?

O' penúria das penúrias!  
O' miséria das misérias!  
O' vergonha das vergonhas!

Olha, olha, és a mudarem de côr... a coçarem a clara-bóia... e a escapulirem-se à surfelta!...

Eles... os empatas... os vingativos... os que nada produzem... os que nunca fizeram o mais pequeno esforço em favor da terra em que nasceram e só sabem criticar!...

Sabem eles lá bem o que é crítica ou o que é peixe agulha!...

Sabem de côr o Seringador, o Borda de Agua, e os reclamos da Pllulas de Pink e ei-los aptos a discutir a meter bedelho onde não são chamados!

O' Pai que estais nos altos céus, perdoai-lhes!

E tu, bondoso leitor amigo, faz o teu juízo, se também generoso e delxa falá-los...

Não há corda que sempre dure e o celulóide é de pouca resistência. Um simples bufo os estatela. J. DE SERVES.

## Novos colaboradores

Dr. João Ayres de Azevedo

Temos a honra de apresentar aos nossos queridos leitores a colaboração do prezado amigo e Digno Conservador do Registo Predial, sr. dr. João Ayres de Azevedo, que, mercê da elevação com que o faz, reafirma as excelsas qualidades de escritor dos romances Sem nome e Helena, para não fazer qualquer citação das obras de especialidade, pelas quais sua excelência se revela um jurista profundo e um psicólogo de conscienciosa ciência. Orgulhamo-nos, pois, da honra que nos é conferida, esperando, dentro em breve, dizer

## O Silêncio

Ao Dr. Eduardo d'Almeida.

Encanta-me o silêncio, não o silêncio passivo, que nada mais é do que o reflexo dum sonho, da morte ou da inexistência; mas o silêncio activo, aquele em que se formam as coisas grandes, para surgirem, majestosas e belas, à luz da vida que hão-de dominar.

E' em silêncio, falando com o próprio eu, que se concebem as obras mais surpreendentes, que se planeiam os grandes actos da vida.

As abelhas, construindo os favos, requinte de arte e maravilha de beleza, não trabalham senão em segrêdo, em silêncio; a virtude, praticando os seus factos mais humanitários e altruístas, não obra senão às ocultas, no silêncio.

Há uma diferença enorme entre a palavra e o silêncio: aquela, diz o adágio, é de prata, este é de ouro. A palavra é tempo, o silêncio eternidade.

A palavra não serve senão para ocultarmos aos outros aquilo que sen-

da nossa justiça sobre a personalidade literária de um dos mais lídimos escritores portugueses.

Um Vimaranesense

Esta assinatura vaga e merramente de interesse local, quasi escondida no anonimato, encobre o nome de um dos mais brilhantes espiritos da moderna geração, quer pelas brilhantes qualidades que o apresentam como um dos militares mais distintos do nosso exercito quer pela sublimidade do seu espirito posto ao exercicio do magistério secundário.

Desempoeirado, culto e de um carácter inconcusso, a sua independência e modéstia não permitem que revelemos o seu nome, tão afastado se julga

ram como aguçados alfinetes. Por tal motivo, não nos agrada o lugar em que reine mais algum silêncio além do próprio e sempre que nos encontramos com algum desconhecido em sítio onde nos possa observar, chegamos logo à fala, se podemos, para obstar-mos à observação ou retiramo-nos.

O silêncio infunde pavor, porque se teme sempre a qualidade do silêncio que vai nascer. Se todas as palavras se assemelham, todos os silêncios são diferentes.

Os grandes sentimentos são muito mais intensos no silêncio: o amor e o sofrimento. Amor guardado é amor que dá vida e nele pomos toda a nossa alma; amor divulgado é amor que define.

A dór calada calcina-nos, queimamos uma a uma todas as fibras do coração, quebranta-nos todas as energias; contar aos outros a nossa dór é mingá-la, é dar entrada à resignação, é permitir que se estabeleça a harmonia entre o facto que a causou e a ordem natural dos factos necessários e fatais, para daí a pouco desaparecer, diluída no tempo.

Quem não notou ainda a salidade imensa que emana do silêncio nas

da popularidade, mas a quem sobejam qualidades de jornalista e aquele mérito que o torna professor e militar dos mais considerados.

Agradecemos deveras reconhecidos a espontaneidade com que tomou lugar nesta barricada de primeira linha, ardorosa e destemidamente, propondo-se à defesa de Guimarães que é, afinal, a causa a que o nosso jornal se propõe dar foros de realidade e maior vulto.

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO  
ADVOCADOS

Escritório — R. Gravador Molarinho, 32  
(Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

## Dr. Alfredo Pimenta

Com a devida vénia transcrevemos do «Diário de Lisboa» de 4 do corrente, as seguintes palavras:

Em esmerada edição da Imprensa Nacional, foi posto à venda o notável trabalho de Alfredo Pimenta — *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, continuação dum outro que apareceu há cinco anos, saído da Imprensa da Universidade.

São setecentas e trinta páginas de texto cerrado, reveladoras da alta cultura, da muita erudição, do amor à língua portuguesa e à formação dum mentalidade mais sólida que brilhante, mais profunda que discursiva que fazem do seu autor um caso raro, entre nós.

Não lhe faltam adversários que põem em dúvida, embora tímidamente, o seu saber e a sua compreensão dos problemas que estuda. A estes recomendamos a leitura dos *Novos Estudos Filosóficos e Críticos* para se convencerem que erram ou para mais se enraizarem no seu erro.

despedidas? Quere-se falar e não se pode; as palavras prendem-se na garganta, não chegam aos lábios, e, se chegassem, não traduziriam o que o coração sente. Como só há sinceridade no que sentimos, a linguagem eloquente do silêncio substitui a linguagem artificiosa e fria das palavras e é ela que fala, grita, soluça, exteriorizando-se pelas lágrimas que marejam os olhos, pelo arfar ansioso dos peitos, por mudos e apertados abraços.

E' que o silêncio é a linguagem misteriosa do belo, do grandioso, do inefável; e fala-nos mais eloquentemente à alma do que todas as letras do alfabeto, por mais nuances e impponderabilidade que se dêem às palavras.

E' silencioso o primeiro beijo dado em sobressalto naquela que há-de ser a companheira adorada e carinhosa de toda a nossa vida; e o estremecimento jubiloso da mulher ao sentir o primeiro movimento do fruto do seu amor e a alegria da mãe ao escutar-lhe o primeiro vagido, ao contemplar a vida da sua vida, só poderão traduzir-se por um recolhimento íntimo, pelo silêncio.

JOÃO AYRES D'AZEVEDO.

Artista Abel Cardoso

A quando da última exposição nacional da Sociedade de Belas Artes, fizemos no nosso jornal as merecidas referências ao talento artístico do nosso querido e muito ilustre conterrâneo sr. Abel Cardoso, em virtude de nessa exposição ter sido premiado um trabalho seu — a pintura do retrato do escritor Fidelino de Figueiredo. Mais tarde, no mês de Setembro passado, também o Magazine literário «Civilização» reproduziu o referido trabalho, tecendo apreciados elogios ao autor do mesmo. Depois, foi o Jornal Espanhol «El Sol», diário publicado em Madrid, quem se ocupou ainda do mesmo assunto, publicando no seu número de 30 do mês passado a reprodução do dito trabalho, seguida dos seguintes dizeres: «El insignificante escritor português Fidelino de Figueiredo, autor de «Pyrene», livro de motivos españoles. El retrato reproduce un óleo del professor Abel Cardoso, que es una de las figuras que descuellan en el movimiento artístico portugués».

Tratando-se dum jornal dum país onde há grande interesse pelo movimento Artístico geral, mesmo mais do que aquele que nós manifestamos pelo nosso movimento particular, as referências de «El Sol» são altamente significativas para o sr. Abel Cardoso e, bem assim, para os seus amigos, todos aqueles que não deixam de lhe fazer a devida justiça, não deixando, igualmente, de serem para os que não sabem ou não querem apreciar as suas qualidades de Artista consumado. Para aqueles, mais um motivo de grande prazer; para estes, mais uma vitória que o distinto Artista conseguiu obter, merecida e justa, contrariando-lhes as intenções. Para todos os vimaraneses, a satisfação deve ser maior do que a de quaisquer outros, porque é o nome dum filho desta terra que, no Estrangeiro, eleva o nível intelectual dos Artistas portugueses. O «Notícias de Guimarães», que muito se regosija com este facto, apresenta ao sr. Abel Cardoso as mais sinceras felicitações, duplamente integradas na orientação deste jornal, por se tratar dumha apreciação feita num jornal de além fronteiras, onde há o máximo escrúpulo na escolha de obras estrangeiras, sobretudo quando se dispõem a dar-lhes publicidade.

Gil Vicente

O nosso conterrâneo e director da revista «Gil Vicente», sr. Manuel Alves de Oliveira, baseado numa proposta apresentada pelo sr. dr. Carneiro Veloso, na Academia de Ciências de Lisboa, publicou no diário «Novidades» um artigo subordinado à epigrafe Mestre Gil, pelo qual é chamada a atenção dos vimaraneses para a comemoração condigna que aquela Academia tenciona levar a cabo, incitando à congregação de esforços para que um monumento seja erguido ao fundador do Teatro Nacional.

Não regateamos os nossos aplausos ao prezado camarada das lides jornalísticas e, prasa a Deus, que o apêlo feito ao bairrismo dos vimaraneses não caia em saco rôto ou seja considerado nefelibatice.

Sômos daqueles que não desanimam das iniciativas que se tornem necessárias ao bom nome da Terra, quer zabumbando no bairrismo adormecido quer ferindo a tecla da inépcia vimaranesense, aproveitando, por isso, todas as oportunidades para testemunhar a nossa concordância plena com as ideias nobres e altruístas.

Estamos, pois, abertamente integrados na sugestão do sr. Alves de Oliveira, esperando que, à semelhança da atitude da Academia de Lisboa, a nossa Câmara saiba desenvencilhar-se de peias e não deixar passar em claro o 4.º Centenário da Morte do grande Autor e Actor — glória e orgulho de Guimarães.

E cá nos encontrarão na brecha.

A Praça do Mercado é um secadouro público?

Chamam a nossa atenção para a maneira como vem sendo despresado o Código de Posturas, dado o aspecto que a Praça do Mercado oferece aos olhos de quem a visite, ou seja, o dum secadouro público, com lençóis, cuecas, camisas e panos de rodilhas estendidos nos quarteirões pouco

ensombrados, tal e qual como se presença no terreiro anexo ao tanque do Campo da Feira.

Lupanar?

Também ocorre outra lembrança e não esquecer que, como a epigrafe o revela, a Praça do Mercado sofra dum mal que só deve ser recomendado à Polícia, por indecoroso e atentatório da moral pública.

Exemplo edificante

No «Correio do Minho» de quarta-feira última, lê-se na nota enviada à imprensa pela Direcção da Associação Commercial uma reclamação apresentada à Comissão Administrativa da Câmara de Braga e que é do teor seguinte:

«Dada a enorme afiluição de comerciantes ambulantes que ultimamente vêm infestando esta cidade, com prejuizo grave dos interesses do comércio fixo, que penosas dificuldades financeiras está atravessando, resolveu-se estudar reclamações no sentido de se conseguir a aplicação rigorosa das taxas em vigor e sua elevação em casos justificativos».

E em Guimarães? A estultícia assentou arraiais e nada se observa que venha ao encontro dumha aspiração que é o anseio do pequeno comerciante.

Figuras de... barro, limitam-se a exhibir as fórmulas rotundas e nébias pelos jardins e praças públicas, em ar de pessoas com importância, mas a quem não falta o tregeito ridículo e grotesco de para nada servirem.

Pobre e infeliz comércio!

Enquanto o narcótico do egoísmo provoca efeitos desastrosos em Guimarães...

...Em Braga, terra de patriotas e bairristas, reünem-se a Direcção da Associação Commercial que, em defesa dos interesses colectivos, manda para a imprensa a seguinte nota, inserta no «Correio do Minho», de 6 do corrente:

«Seguidamente foram presentes varias reclamações de seus associados acerca da forma irregular como vêm procedendo ultimamente, os srs. fiscaes do Horário de Trabalho, applicando multas em muitos casos sem motivo que as justifiquem, acontecendo mesmo que as firmas multadas apenas são concededoras da referida penalidade quando lhes é presente a intimação para liquidarem o seu montante, o que não lhes permite coligir elementos de legitima defesa. O sr. presidente, disse ser sua opinião, perante casos que são do seu conhecimento, que uma grande parte das multas applicadas, representam flagrante injustiça, trazendo, por isso, alarmado o comércio bracarense. Esta Associação, diz ainda, deseja que a lei se cumpra, mas que a sua fiscalização se faça com superior critério, sem violências descabidas. Propõe, por isso, que se officie ao illustre Delegado do I. N. do Trabalho e Previdência, chamando a sua esclarecida atenção para os factos menos regulares praticados pela fiscalização e solicitando de V. Ex.ª as providências que justo é sejam tomadas».

Verificado o desassombro da proposta, a gente pasma perante a inépcia dos industriais e comerciantes da nossa cidade, a quem já chamam, e com justificado motivo, figuras de... barro para servir de bibelots ou figurar em presepe.

Arqueologismos

— Arreda, que aí vem aguaceiro!

E ficamos atónitos, verdadeiramente apalermados, com o vento de insanía que se desencadeou em alguns dos monumentos cidadãos... fazendo rodopiar a arqueologia como em prenúncio dumha tempestade.

Pois se já há quem chame à Igreja de S. Domingos... o novo Convento do Carmo, de Lisboa!

Safa! mais que os tortulhos.

O ARMISTÍCIO

1918-1935

Mais um aniversário que passa hoje — o 17.º — dumha data célebre da Grande Guerra, o do Armistício que lhe poz termo. Em 17 anos, sobre esta data, têm-se escrito tanto, quer em livros como em jornais, que não é fácil soleznizar, com matéria nova, a data pela qual pulsaram fevorentamente, os corações de todo o mundo. Assim, para cumprir, o melhor possível, a minha posição dentro do «Notícias», principio por transcrever, com a devida vénia, algumas linhas do capítulo XVII do «Da Flandres ao Hanover e Mecklemburg», do Ex.º General Alexandre Malheiro, respeitantes ao Armistício, ou melhor, às impressões e manifestações dos officiaes portugueses prisioneiros no Campo de Bressen, na Alemanha.

«Depois de vários boatos, mais ou menos pessimistas, chegou ao nosso conhecimento a resposta de Wilson, que logo encheu de júbilo os corações oprimidos de todos nós, onde a crenga dumha visinha paz começara verdadeiramente ganhando vulto. A esta resposta animadora seguiram-se, porém, as pesadas condições impostas pelos aliados, que apenas o pessimismo de alguns dos meus companheiros considerava inaceitáveis, não porque ardentemente não desejássemos o esmagamento de quem tanto nos vinha fazendo sofrer, mas porque a persistência no sofrimento os tornára descrentes de uma tamanha felicidade. A Alemanha via-se, porém, forçada a aceitar tôdas e quaisquer condições que a Entente lhe quizesse impôr, desde que a Turquia e a Austria a haviam abandonado, mas principalmente porque o apertado bloqueio aliado a tinha reduzido à fome, na acção rigorosa desta palavra. Em 13 de Novembro espalháram-se, logo de manhãzinha, a alegre notícia das condições de armistício por parte da Alemanha, sendo esta boa nova imediatamente festejada com um formidável S. O. S. de pancadaria, em tôdas as barracas, onde se produziu um atroador ruído, tal como se o nosso campo se houvesse transformado numa grande paraça de touros em dia de pateada. Os 230 officiaes que se encontravam em Bressen, bateram desesperadamente, durante alguns minutos com bengalas, botas, cadeiras ou com o primeiro objecto que se lhes offerecera, contra as paredes de madeira das barracas, numa infantil manifestação de alegria a que o próprio pessoal do campo deveria, sem dúvida ter encontrado uma certa graça».

O armistício era o prenúncio da paz e, consequentemente, a liberdade que se aproximava. De facto, a 6 de Outubro, a Alemanha, por intermédio da Suíça, solicita a Wilson a sua intervenção a favor da paz. Seguem-se as diligências atinentes à solução de tão grave problema e a 11 de Novembro, em Rethonder, às 5,10, foi assinado o armistício. Não é do estranho a atitude que os officiaes portugueses, prisioneiros, tomaram. Essa atitude que alguém, erradamente, poderá considerar de excessiva, era plenamente justificada pelo vexames insólitos e provocantes, que se viram na necessidade de suportar, após a prisão e durante esse calvário, doloroso e cruceante, de sete meses de cativeiro com caminhadas intermináveis, a pé, sem a mais leve atenção pelos seus postos e, em certos casos, de promiscuidade com soldados, nas marchas, a seguir a prisão, no dia 9 de Abril. O sol, da liberdade, prestes a raiar, anunciava o fim daquêlle martírio, a que a fome não tinha sido estranha e, antes, espectro constante e inseparável da angustiada sede. Se alguns officiaes se resolveram — embora impacientemente — a esperar o dia da repatriação, outros houve que não resistiram à tentação de procurar a liberdade immediata, abandonando o campo que, durante meses, fôra o seu Gólgota. Não foram poucas as cautelas que tiveram de usar para que a tentativa de evasão não resultasse infructifera. Depois de horas de incerteza cruceante conseguiram, finalmente, transpor a fronteira dêsse inferno e viram raiar o sol da liberdade logo que lhes foi dado pisar o solo da Holanda onde, por irrisão do destino, se acolheu também e encontra ainda, o causador da maior guerra que a História regista em todo o mundo. A sua desmedida ambição, como o seu sonho dum louco imperialismo, traduzidos numa tremenda derrota, abalaram lhe o trono e obrigaram-no a abalar para o exílio de Dorn. Dessa louca orgia de sangue, ao que parece, pouco ou nada se aproveitou em beneficio da humanidade ou seja da paz. O direito e a justiça continuam à mercê dos interesses do mais forte em prejuizo dos mais fracos. O canhão domina a justiça e a metralhadora subjuga o direito. O mundo é um vulcão em actividade permanente, com crateras expellindo lava escaldante na Europa, na Africa, na Ásia e na América. A integridade das pequenas nações está à mercê da voragem carnívora de, quando muito, de meia dúzia de Neros. Os aliados de ontem, que trabalharam ombro a ombro em prol do direito e da justiça, são hoje inimigos porque, o que ontem era virtude, é hoje crime! A liberdade dos povos pequenos não tem actualmente, cotação apreciável nas bolsas mundiais. O negócio é que predomina e, onde há negócio, não há consciência, mas sim o interesse; não há pondunor, mas sim a categoria

ciência e o pondunor são considerados moeda fraca. Aconselha-se e protege-se a proliferação e, obtido um excedente populacional, grita se logo pela necessidade de expansão, então, resolve-se o problema originando uma guerra, motivada pela mais simples das acendalhas, e lá vai para o açougue humano — senão tôla — pelo menos, uma grande parte do tal excedente da população que prolifrou, encapotadamente, para a guerra! De maneira que a necessidade de expansão é a necessidade de guerra! De maneira que, agora, menos justicável Senão desnecessária! E' que a expansão era, somente, um pretexto a encobrir o mobil da guerra, nada mais.

A esta hora já deve ter regressado à capital a «Patrulha», composta dos três antigos combatentes que a beneplácida Liga dos Combatentes da Grande Guerra lançou pelo continente, em visita aos seus núcleos e aos monumentos d'persos pelo país. Essa romagem cívica, feita a pé e abrangendo um percurso de quatro mil quilómetros, iniciou-se no dia 9 de Abril e terminada no dia do aniversário do armistício, simboliza, justamente, o período mais cruceante e mais angustiante para os pobres prisioneiros (9 de Abril a 11 de Novembro) que, desarmados, não podiam defender-se do ultrage, do vexame, nem do vilipendio, tendo de suportar, com a alma a sangrar, o sarcasmo, a ironia e a vileza dos que se julgaram vencedores quando, no final, foram os vencidos! Eu não sei se os três arautos dos mortos da Grande Guerra foram prisioneiros; se o foram, devem ter-se lembrado durante a sua romagem cívica de sete meses, por vezes, sob o sol escaldante, companheiro inseparável da fadiga, da sua situação durante os sete meses, desde a hora suprema e da retenção em vários campos, até ao campo-cativeiro de Bressen, onde raiou, finalmente, o sol da liberdade anunciado pelo dia do armistício. Se, porém, não foram feitos prisioneiros, eles deviam ter rememorado, por intenção da solidariedade e da camaradagem que jámais arrefece em peitos fortes, o que seria essa odisséia penosa e cruceante dos pobres prisioneiros. A romagem aos núcleos da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, após dezassete anos, foi uma lição de alto civismo e do mais acendrado fervor de camaradagem, como do mais franco amor-fraterno. Efectuada pela primeira vez, resultou brilhante porque, no geral, tôdas as terras receberam condignamente osromeiros humildes que a Liga Mãe lançou pelo continente em saudação fraternal aos numerosos núcleos seus filiados. Os monumentos aos Mortos da Grande Guerra — altares da Pátria ao ar livre — mereceram aosromeiros da Liga as mais carinhosas atenções de veneração e respeito e em todos eles foram depositadas flores simbolizantes da saudação pela memória dos que foram seus compaubeiros e dormem o sono eterno nas terras onde tombaram, no fundo dos mares ou no mosteiro da Batalha. Houve Municípios que deram aosromeiros a hora de os considerar seus hóspedes; esta prova de alta consideração mostra, exuberantemente, que nessas terras a alma lusitana vibrou e fremiu, entusiasticamente, em face dosromeiros da paz e que o coração lusitano pulsou, com intensa e jubilosa, diante dos arautos dos mortos da Grande Guerra; mostra, sobretudo, um alto grau de civismo pela memória dos mortos da Pátria, o que para os antigos combatentes é deveras consolador.

Guimarães, que teve o seu regimento na Guerra, em Africa e em França, não tem ainda o seu monumento, a-pesar-de decorridos dezassete anos! A sua homenagem limita-se a duas placas! Sofreu, por consequência, a-pesar-de tudo, um relativo abalo moral por semelhança falta. Não se daria esse caso se me tivesse ouvido e se se convencesse — dumha vez para sempre — que ando a procurar engrandecê-la e não a humilhá-la.

Os responsáveis, os monumentofobos, que metam, agora, as mãos na consciência.

Foi pobre, muito pobre mesmo, a maneira como Guimarães recebeu a «Patrulha». Guimarães, bérço augusto da Nacionalidade, não é uma cidade vulgar e tem pergaminhos como nenhuma outra; por isso mesmo, tratando-se dumha homenagem em que era envolvida a memória dos seus filhos mortos na Grande Guerra, Guimarães, devia, sem favor, exceder as outras terras, porque, mesmo igualá-las, seria inferiorizar-se a si própria, calcando os seus pergaminhos. O mal, porém, está feito e, agora, sem remédio. Que a história nos julgue a todos, aos culpados e a mim. Há, com certeza, muitos vimaraneses que sentem o que eu sinto, mas calam-se porque lhes falece a coragem moral para exteriorizar o que lhes sai da alma e confrange o coração; mau sintoma; não é com esse procedimento que se engrandece a terra que nos foi bérço.

Novembro, 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

Posto telégrafo-postal

Vivemos numa terra que tem o seu grau de civilização como qualquer outra das mais adiantadas do país e que, além disso, tem a sua categoria

bem assinalada, não só pelo que diz respeito à sua tradição, mas também pelo que tem de importante sob o ponto de vista industrial e Commercial. A-pesar-disto, não a vemos caminhar em sentido progressivo, encontrando-se muito aquém do que deve ser e das regalias que deve ter. E se há melhoramentos que fazem falta, um deles é a não existência dum Posto telégrafo-postal, à semelhança do que existe em outras terras, onde em qualquer dia, quer seja domingo ou feriado, futacionam normalmente certos serviços. Em Guimarães, terra de pouca sorte, sucede precisamente o contrário e quem precisar de comprar um selo ou de expedir um telegrama não o pode fazer naqueles dias, depois das 13 horas. Não queremos, de forma alguma, prejudicar o actual pessoal com mais horas de trabalho, mas o que não podemos é deixar de reconhecer grande utilidade a um melhoramento desta natureza, que, evidentemente, seria de grande vantagem, embora para isso tivesse de ser alargado um pouco — e dizemos um pouco, porque não precisaria de ser muito — o quadro do respectivo pessoal. Há necessidades que o serviço telefónico não supre, motivo por que o Posto telégrafo-postal faria desaparecer uma lacuna que cada vez mais faz sentir os seus prejudiciais efeitos. Facilitar comodidades, quando necessárias, nunca é demais, especialmente tratando-se dumha terra que, como a nossa, tem velho direito a elas. Para este fim, chamamos a atenção de quem pode e deve patrocinar esta iniciativa, pelo menos para que não se diga que grassa em Guimarães a epidemia da indiferença. Igualmente lembramos a conveniência de o serviço telegráfico ser prolongado até, pelo menos, às 24 horas, seguindo-se o exemplo do que se faz em outras terras, que, independentemente de outras, têm mais esta facilidade de comunicações, o que representa, para todos os efeitos, mais uma regalia.

Para tudo isto, contamos com o auxilio e boa vontade do digno Chefe da Estação telégrafo-postal, cuja interferência neste caso pode ser útil a esta terra,

GAZETILHA

Do «Correio do Minho»

GRANDE PECHINCHA Na Drogaria Barbosa, de Braga, encontram-se à venda pechinchas, tais como guias para o cemitério a 30000... e salgadeiras para carnes frescas desde 10000, etc., etc.»

Que pechincha caricata Este Barbosa anuncia; Pois diz passar tão barata Pr'ô cemitério uma guia...

E também tem salgadeiras A preços sem competência; Vamos, deixai-vos de asneiras E cobertos de paciência,

Ide buscar uma guia, Metei-vos na salgadeira, Que quem vos leva à Atougua Deve estar à vossa beira...

Faz lembrar este canudo, Nosso heróico regimento, Que foi com guias e tudo, Em buca do monumento.

E até sem mais aquelas, Também já foram embora Os tachos mais as panelas; — Jámais há rancho com tora...

Só não puderam levar As pombinhas do Quartel, Por se põem a voar, Fugindo aos pombos com fel.

Ficou-nos essa unidade, Para eterna lembrança, Só nos resta a saúde E morreu a esperança.

E se vos fazeis Alonso, Mui breve vai o Liceu, Vai tudo, até o Afonso E quem sabe se até eu...

E por isso Srª Barbosa, Essas pechinchas das guias Vão-as passando em prosa, Que eu passo-as em ironias.

Mas passe-as muito a sério, Acaso isto não mude, Não só para o cemitério Mas p'ra «Casas de Saúde».

Pois que certo proceder De fazer ouvidos moucos, Dá vontade de morrer Ou de ir p'ra casa dos loucos.

E por isso é tamanha A tal pechincha das guias, Que o Barbosa assim bem ganha O pão de todos os dias...

CLAROS.

Paços do Concelho

O nosso querido conterrâneo e amigo, sr. A. L. de Carvalho, apresentou na última sessão da Câmara a seguinte proposta:

«Para que se evite que os Paços do Concelho, em construção, sejam velhacouto de ciganos e despejo de imundícies, com prejuizo das cantarias e deplorável espectáculo públi-

Não é uma história

O que vai lêr-se talvez pareça ao leitor uma história — uma história como há muitas — mas não é. E, antes, um caso verídico, autêntico, que nos olhos viram e nossa alma sentiu...

No passado dia 1 (dia aqui consagrado à visita aos cemitérios) — campo-santo dos mortos que se foram saudosamente — enfrentando os aguiaceiros que, por vezes, se desprendiam sobre a terra — e que, de certo modo, e em certos momentos, lembravam lágrimas de pranto vertidas por almas acabrunchadas e inconsoláveis, na saúda infinda por aqueles que não voltam — fomos deabalada até a Atougua, visitar a morada saudável de um pedaço da nossa alma e, bem assim, as de alguns pobres amigos que se foram em viagem forçada, obrigatória...

Depois de cumprida a piedosa missão que ali nos levara, iamsvagueando ao acaso pelas ruas da cidade da morte, tristemente pensando no que somos e no que forçosamente havemos de ser, no que foram e no que são todos aqueles que a terra, pesada e fria, cobre, quando o nosso olhar foi atraído para um grupo de vultos negros que estacionava num dos talhões constituidos por campos rasas... por campos pobres!

Aguçada assim a nossa curiosidade — e a-pesar-da inclemência da chuva que caía mansa, mas teimosamente — abeirámo-nos do ponto em referência para indagar da causa daquela aglomeração — único que se nos fôra dado ver em nossa vida de... jovem de 30 anos!...

Ali chegados deparámos com um espectáculo que nos impressionou vivamente pela dôr pungente e sincera de uma mágoa que nitidamente transparecia nos rostos doloridos dos personagens que compunham o grupo vestido de negro...

... Era uma campa rasa, circundada por chapas de lousa pintadas de branco. A' cabeça dela, dois vultos sentados na terra empapada — homem e mulher!

Ele, embrulhado num velho capote, tinha nos braços uma criança de poucos meses que, nessa ocasião, parecia dormitar... Ela, tinha poitado no regaço um feixezinho de velas de cêra... Pelas faces macilentas de ambos deslizavam lágrimas silenciosas e sentidas.

E a chuva caía... Sobre a campa havia flores pobres — muitas flores pobres — e, enterradas na terra, luzes — muitas luzes — que a chuva apagava, mas que mãos trementes prontamente acendiam.

Ladeando, havia mais vestes negreas, mais olhos com lágrimas, mais faces doloridas...

— Eram ciganos!... Estava ali, naquele coval, o corpo de uma cigana que nos dizem ser nova ainda... E os pais, os irmãos, os parentes e os amigos vieram de longe, ali, sentidamente, trazer-lhe as suas flores e as suas lágrimas, dizer-lhe que estavam presentes, que a não esqueceram e que, nesse dia, nem a chuva os faria arredar do seu posto — do seu posto de saúde...

O ineditismo e a sinceridade dêsse quadro comoveu-nos profundamente!

— Mas, afinal, dissemos ao nosso eu, esta gente — os ciganos — que dizem roubar crianças, etc., tem alma, sofre como nós sofremos e nem saúdaes — saúdaes que as lágrimas inconsoláveis dos seus olhos negros, misteriosos, regam sentidamente!...

E a chuva continuava caindo, impudentemente, sobre os seres e sobre as campas...

Impressionados, retirámo-nos da beira do coval da cigana e fomos ajudando, e fomos vendo mais campas e mais almas — mais almas das que não roubam crianças. E, entre algumas delas e as dos ciganos vestidos de negro, estabelecia-se um contraste doloroso e flagrantíssimo:

Nas primeiras, a hipocrisia, a farsa, a preocupação do luxo!...

Nas segundas, a dôr sincera, o sentimento magoado, os andrajos pobres!...

Mas, afinal... a vida é a vida e, a morte... a morte — a sua seqüência lógica!...

Novembro de 1935. J. GUALBERTO DE FREITAS.

co, proponho que se proceda, desde já, à vedação do referido edificio».

Verifica-se que não foi em vão que aqui comentamos o que se vinha passando dentro do majestoso edificio, em construção.

Louvamos o gesto.

Dinheiro

Cede-se um crédito de 20 contos st primeira hipoteca ao juro de 8%, por motivo de retirada.

Esta redacção informa.

Pasteis Folhados

Especialidade da PENSÃO COMMERCIAL Toural Frescos todos os Domingos.

# Da Cidade

**Delfim de Guimarães** — O nosso ilustre amigo e colaborador sr. Delfim de Guimarães, acedendo a um amável convite da Academia Vimaranesa, vai escrever, mais uma vez, o Bando Escolástico, que na tarde do dia 5 de Dezembro próximo, por ocasião das antigas Festas Nicolinhas, será recitado pelas ruas da cidade.

Vai ser-nos dado o grato prazer de apreciar, uma vez mais, o talento do distinto Poeta que muito honra esta cidade.

Felicitando-o felicitamos, também, a Academia Vimaranesa.

**Dr. Fernando Aires** — A fim de tomar parte num importante julgamento como defensor, partiu na quarta-feira para Lisboa o distinto advogado e nosso bom amigo e apreciado colaborador sr. dr. Fernando Aires.

**João de Deus Pereira** — Passa hoje o aniversário natalício do nosso querido amigo e distinto camarada de «O Primeiro de Janeiro» sr. João de Deus Pereira, a quem, por tal motivo, o «Notícias de Guimarães» apresenta os seus cumprimentos de sinceros parabéns.

**Comemoração do Armistício** — Passando hoje o aniversário do Armistício que poz termo à Grande Guerra, a Sub-Agência da L. C. da G. G. em Guimarães promove uma homenagem às 16 horas, junto da lápide regimental, no extinto quartel de I. 20, àqueles que para sempre tombaram, em holocausto, no Altar da Pátria.

Para esta homenagem foram feitos convites aos associados e ao povo em geral.

**Movimento de vinhos** — Na delegação desta cidade da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, o movimento durante o mês de Outubro foi o seguinte:

Vinho vendido dentro do concelho, 204.500 litros; idem, fora do concelho, 70.450 litros; idem entrada de outros concelhos, 34.750 litros. Existência em 1.º de Novembro: Vinho tinto, 2.854.000 litros ou sejam 5.708 pipas; vinho branco, 45.276 litros, ou sejam 90 pipas.

**Horário de Trabalho e descanso Semanal** — Os marchantes das Caldas das Taipas requereram à Câmara a modificação do horário de abertura e encerramento dos talhos naquela povoação, de modo a que os mesmos estabelecimentos possam, à segunda-feira, estar abertos das 8 às 18 horas, por motivo do mercado semanal. A Câmara ficou inteirada e resolveu propor ao sr. delegado do Instituto Nacional do Trabalho, em Braga, recomendando a uniformidade do dia para o descanso semanal em todo o país que, segundo as tradições e a religião dos portugueses, deverá ser ao domingo; resolvendo a Câmara informar que, no concelho, o descanso semanal coincide, na sua quase totalidade, ao domingo, e comunicar às Juntas de Freguesia onde as feiras se realizam aos domingos a conveniência de irem fixando outro dia da semana para os seus mercados.

**Registo Civil** — Nesta repartição pública o movimento de registos no mês findo, foi o seguinte: casamentos, 19; nascimentos, 230; óbitos, 145.

**Pósto de «A Social»** — O número de curativos feitos no Pósto de Socorros de «A Social» durante o mês de Outubro foi de 656.

**Funerais** — No templo da Misericórdia realizou-se no penúltimo sábado do funeral do nosso saudoso amigo sr. José de Freitas Neves Pereira, que foi empregado superior da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. As cerimónias fúnebres assistiram muitos amigos do extinto, além da Direcção e pessoal superior daquela Companhia, um piquete de bombeiros, etc. etc.

Após os officios fúnebres foi o cadáver trasladado, com numeroso acompanhamento, para o cemitério Municipal.

Organizou-se um único turno, pegando às borlas do caixão os srs. dr. Augusto José Domingues de Araújo, dr. Alberto Ribeiro de Faria, dr. João Martins de Freitas, dr. Carlos Saraiwa, Manuel de Freitas Guimarães e Gaspar Ferreira Paul.

A chave do caixão foi entregue ao sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas, íntimo amigo do finado e director da C. F. e T. de Guimarães.

A família enlutada apresentamos condolências.

**A favor dos cancerosos** — Nos penúltimos sábado e domingo, grupos de gentis senhoras vimaranenses, da Juventude Católica Feminina, permaneceram às portas dos templos angariando donativos para a assistência aos Cancerosos Pobres. É digno do maior louvor o gesto humanitário das Senhoras de Guimarães, que assim quiseram coadjuvar uma grande obra social.

Por isso aqui as felicitamos.

**Os maus instintos duma servicial** — Na quarta-feira de manhã foi encontrada ferida, na estrada de Nespereira, Laurinda Feixeira, servicial, de 28 anos, natural da freguesia de Ribas, Celorico de Basto. A G. N. R. que do caso teve conhecimento fê-la conduzir para o seu

Quartel do qual transitou para o Hospital da Misericórdia.

Trata-se duma servicial do rev. Armindo José Fernandes Dias, de Moreira de Cónegos a quem as tias deste sacerdote, por a não poderem aturar, devido a maus tratos e exigências, despediram, mandando-a de automóvel para a terra.

A Laurinda, para comprometer aquelas senhoras e defender-se, gritou, sem ninguém lhe fazer mal, e feriu-se para dar a impressão de que a tinham agredido.

O caso está entregue ao Tribunal.

**Orfeão de Guimarães** — No salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio realizou-se mais uma reunião, em que foi tratado o assunto da reorganização do antigo Orfeão de Guimarães, tendo-se notado o mesmo entusiasmo das reuniões anteriores. A assistência foi numerosa.

A comissão organizadora continua a trabalhar, sem desfalecimentos, para que a referida reorganização seja um facto dentro em breve.

No dia 7, quarta-feira, realizou-se nova reunião, tendo já começado os trabalhos.

**Incêndios** — Por volta das 23 horas de segunda-feira houve um princípio de incêndio na Fábrica de Fiação e Tecidos do sr. António Diniz Machado, em Ronfe, tendo comparecido os B. V. de Guimarães e Famalicão, que não chegaram a trabalhar.

Os prejuizos foram insignificantes.

— Na tarde de terça-feira houve, princípio de incêndio na chaminé do palacete de Riba d'Ave, na mesma freguesia, propriedade do sr. Luis Cardoso Martins Menezes (Marga ride).

Compareceram, rapidamente, os B. V. de Guimarães e, seguidamente, os de Famalicão e Taipas.

**Novo médico** — Concluiu, brilhantemente, a sua formatura em medicina, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. dr. João Mota Prego Faria. Parabéns.

**Más estradas** — Escreve-nos um amigo e leitor do «Notícias» que lamenta o estado deplorável em que se encontra a estrada que vai de Guimarães a S. Torcato e segue a Gonça e outras freguesias. Diz-nos o mesmo nosso leitor — e nós já constatamos a veracidade do facto — que nas curvas há grandes montes de cascalho que podem originar graves desastres.

Infelizmente é verdade!

E já que falamos em estradas seja-nos permitido arquivar aqui mais este simples comentário, que para ninguém representa novidade:

Todas as estradas de Guimarães mesmo aquelas que comunicam com os concelhos de Braga, Famalicão, Fafe, etc. estão uma vergonha.

**Sufragando** — Com numerosa assistência celebrou-se na quarta-feira, no templo da Misericórdia, a missa do 7.º dia por alma do sr. José de Freitas Neves Pereira.

**Casa dos Pobres** — Em segunda convocação reuniram-se os subscritores da «Casa dos Pobres», que aprovaram o quadro do pessoal e seus respectivos vencimentos.

**Officinas de S. José** — Nesta instituição de beneficência, que os Vimaraneses tanto acarinham, reza-se no dia 8 de Dezembro um brilhante sarau de arte e caridade, inaugurando um dos novos salões seus últimamente com o auxílio do Estado. Entre os vários números de surpreendente efeito, ouvir-se-há um dos melhores oradores actuais e um famoso artista ainda desconhecido em Guimarães.

## Casa Penhorista Vimaranesa

R. Gravador Molarinho, 6 a 12

## LEILÃO DE PENHORES

De harmonia com a lei, faz-se público que no dia 8 de Dezembro, próximo, pelas 11 horas, realiza esta antiga casa um leilão de penhores, que por falta de pagamento de juros se encontram abandonados.

Guimarães, 29 de Outubro de 1935.

## VENDEM-SE 6 quintas todas juntas à beira da estrada.

Tem bastantes bouças com carvalhos, pinheiros e eucaliptos e diversas ramadas. Pagam 27 carros de cereais. Trata o solicitador Augusto Silva.

## História de Portugal

Vende-se em boas condições de preço 67 fascículos desta importante obra histórica, editada pela «Portucalense Editora» de Barcelos. Nesta redacção se informa.

## EMPREGADO

Habilitado e com longa prática de armazem, especialidade de calçado, ferragens, etc. oferece-se. Nesta redacção se informa.

Lêde e assinal o «Notícias de Guimarães»

# DESPORTO. Notícias do País e do Estrangeiro.

## CALENÁRIO DOS JOGOS DO CAMPEONATO DISTRITAL

10 DE NOVEMBRO

Em Braga — Sporting de Braga vence o Vitória por . . . . .	5 a 0
Em Barcelos — Gil Vicente vence o Comercial de Braga por . . . . .	2 a 0
Em Fafe — Sporting de Fafe vence o Football Club de Fafe por . . . . .	5 a 1

## CLASSIFICAÇÃO

Equipa	Pontos
Vitória Sport Club . . . . .	16
Sporting de Braga . . . . .	16
Sporting de Fafe . . . . .	14
Gil Vicente, de Barcelos . . . . .	12
Football Club de Fafe (1) . . . . .	7
Comercial de Braga . . . . .	6

(1) Por ter infringido o artigo 15.º do R. G. foi-lhe anulado um ponto.

## Futebol no país

### Campeonato de Lisboa

Sporting vence o Belenenses por 1 a 0.  
Benfica vence o Carcavelinhos por 3 a 1.  
Barreirense vence o União por 2 a 0

### Campeonato do Porto

Porto vence o Leixões por 6 a 0.  
Salgueiros empata com o Leça por 2 a 2.  
Académico vence o Boavista por 2 a 1.

### Andebol 1.ª Divisão

Valadares vence o Nun'Alvares por 1 a 0.  
Vigorosa perde com Porto por 1 a 7.  
Desportivo do Porto vence Vilanovense por 2 a 0.

## Campeonato Distrital

Em Braga, o «Sporting» ganha ao «Vitória», por 5 a 0.

### Introlito

Para início da 2.ª volta do Campeonato Distrital em Foot-ball, deslocou-se, ontem, a Braga, o Vitória desta cidade para defrontar o seu mais directo rival — o Sporting.

Dizer que esta partida não tivesse despertado entusiasmo nos dois meios desportivos, seria negar o valor dos teams que iriam encontrar-se e ao mesmo tempo querer diminuir o interesse das populações nortenhas pelas coisas do Desporto.

Assistimos emocionados à partida da caravana vimaranense, lêm com alegria a saudação que se ostentava à entrada das Taipas e reparámos no entusiasmo de todos esses povos que se abeiraram da estrada para revelar o seu incitamento ao grupo vimaranense, de tal modo pôsto à prova, que antevíamos já uma boa e grande jornada desportiva.

Em Braga, afóra o «olha a beija» das canas e garotio da rua da Ponte, o movimento era desusado em lembrança de dia festivo.

Mais essa impressão se nos arraiou ao espírito quando demos entrada no Campo dos Pedes, pelas 14.30, onde a multidão se contava já por 3 milhares.

Muitas bandeiras vermelhas e brancas, dísticos em pano clamorando pelo nome do Sporting e o anseio a bailar em todos aqueles olhares fixos no rectângulo onde iria derimir-se a luta.

A meio do lugar reservado aos pedes, umas escassas duas dúzias de bandeiras alvi-negras a pôr o cunho de clubismo confiante.

A's 14.50 deu entrada o grupo vimaranense, que apresentava a seguinte linha: Adélio; A. Augusto e Castro; Gonçalves, Zeferino e Lima; Vitorino, João Jesus, Clemente, Costa e Bravo.

Aplausos da claue vimaranense. A's 14.55, a equipe alvi-rubra do Sporting surge também.

Os aplausos tornam-se ferrenhos e quasi atingem as raízes do delírio. A constituição do team observa-se pela ordem seguinte: Lima; Cunha e Salomé; Sá Campos, Figueiredo e Quincoces; Argentino, Guedes Gonçalves, Mica, Lopes e Cunha.

Após a escolha do terreno, o árbitro concede uns minutos para acertar o pontapé.

Entretanto, um aparelho de rádio colocado perto do campo, em toda aborrida e dissonante, pede que sejam levantados 3 hurrahs (!) pelo Sporting — Hurrah pelo Sporting! Hurrah pelo Sporting! — e foi um nunca mais acabar de cantilena plangente, enervante e ridícula. Pode mesmo dizer-se que, desde essa hora, o ambiente se transformou em meio de hostilidade para o grupo vimaranense, tão longe daquela surpresa.

Hurrah pelo Sporting! — clamava

e clamou sempre a voz fanhosa do «botador das almas», regente dos vivas que a multidão ia repetindo em ar profissional de subservidência, observada pelos seus feitos em aldeia de beócios.

Francamente: que as multidões aplaudam e incitem os seus favoritos, compreende-se; porém, permitir a regência desses aplausos através dum microfone, em alta grita, que nos responde a Direcção da Associação de Futebol, uma vez que parece ter consentido e até gostado da enervante e desmoralizadora inovação posta em prática, pela primeira vez, em campos de futebol. Antes o fúnil... aferido do que o roufenho ladrado que em todo o tempo de jogo feriu os tímpanos das pessoas mais serenas e capazes duma compostura desportiva.

— Seria o desafio organização do Sporting?

Coube a saída ao Sporting que imediatamente perdeu a bola e deixa que o Vitória se interne no terreno dos bracarenses.

Uma fuga feita pela esquerda dos alvi rubros, que se esbarronda na defesa e nada resulta. Natural reacção dos vimaranenses, e agora é Lima quem é obrigado a uma defesa fácil.

Jogo a meio campo. Um remate alto de Clemente. Um novo remate de João Jesus que sai pela linha de cabeceira. Penalidade contra o Vitória por carga desleal de Clemente. Penalidade contra Braga, a meio campo. Descida dos sportinguistas, uma queda de Gonçalves que dizem ter dado uma mão — e nós de frente e à beira não a vimos —, e surge um inexplicável penalty marcado aos 12 minutos. Adélio, ao certo pontapé de Raúl de Figueiredo, não consegue tocar a bola. Contado o 1.º goal, o entusiasmo cresce e o auto-falante assobia: — Sporting! Sporting! Sporting!

Saída dos Vimaraneses, que se deixam bater, pondo em perigo as suas próprias rédes, deixando que fosse concluída uma jogada que termina por um remate alto.

Despacho de Adélio, e na grande área bracarense onde Clemente se interna, há uma mão dum jogador do Sporting que o árbitro não viu nem assinalou. Protestos dos players vimaranenses e no reconto de jogadores é marcada ao Sporting uma penalidade de que só beneficia. Descida dos bracarenses que põem em perigo as rédes de Adélio, mas que este desfaz com uma aparatosa defesa a sóco. Duas penalidades seguintes marcadas a Guimarães que nada resultam. Penalidade contra Braga que não foi aproveitada convenientemente.

Penalidade aplicada ao Vitória por... por sandwich feita a Zeferino. Nova penalidade por infracção de Gonçalves (Laureta). Jogo de nenhum association e de muito menos rendimento. Lopes dá um bicanço nos tornozelos de Jaime que o árbitro, ceguinho e parvajola, não assinala. Outro pontapé de Figueiredo a Lima que o árbitro acha entrada natural. Penalidade a Clemente por carga a Figueiredo. Penalidade a João Jesus por carga a um jogador sportinguista.

Penalidade ao Vitória por infracção de Alberto Augusto. Descida ás rédes de Lima que nada resulta. Reacção do Sporting que obriga Adélio a intervir duas vezes seguidas. Aliviado o campo, Lima defende um remate de Clemente. Penalidade ao Vitória por infracção de Costa.

2.º tempo

Saída do Vitória que se perde pela linha lateral a um passe feito em profundidade. Jõgon o campo vimaranense, o que origina um corner que os vimarane aliviam. Perigo para as rédes de Lima que Quincoces desfaz. Fuga de Cunha, que Jaime inutiliza.

Bola mandada para o barulho, e é marcado o 2.º «goal» pelos bracarenses. O entusiasmo é indisciplinado. O microfone vai alimentando a via-

sacra dos adeptos do Sporting. Saída do Vitória que se perde nos pés de Figueiredo — sem dívida a alma do Sporting e aquele que mereceu as honras da tarde. Penalidade marcada ao Vitória por infracção vista em Zeferino. Penalidade contra Braga. Avançada do Sporting que Adélio segura. Mão contra Braga, assinalada junto da linha da grande área, que, marcada por Alberto Augusto, sai rente à trave. Lima alivia e surge nova penalidade contra Guimarães Grande confusão junto das rédes de Adélio, que vê encaixar-se o 3.º «goal». Saída dos vimaranenses que Figueiredo retém. Penalidade marcada ao Vitória por infracção de Zeferino, que é posto fora do campo.

«Off-side» marcado a Vitorino quando se aproximava das rédes bracarenses.

Penalidade a Costa por conseguir desarmar um jogador pela rectaguarda. Dominio absoluto do Sporting. Canto contra o Vitória que nada resulta. Adélio é obrigado a intervir duas vezes seguidas. O Vitória joga desconjuntado e a defesa bate fracamente a bola. Penalidade ao Vitória por infracção de Clemente.

Uma fuga de Bravo, que se perde aos pés de Salomé. Figueiredo continua enérgico e força o seu team ao ataque.

4.º «goal» para o Sporting, a uma boa condução de Sá Campos. Penalidade a João Jesus. Penalidade beneficiadora marcada ao Sporting. Canto contra o Vitória que nada resulta. Penalidade de Gonçalves (Laureta) que origina um novo canto contra Guimarães. Marcado este, Lima alivia não sem que o esférico seja de novo devolvido e o que o obriga a meter mão, que o árbitro assinala.

Aos 6 minutos, surge o 5.º «goal» a favor do sporting, que retumbantemente fecha o score do seu não menos justo triunfo.

O microfone termina os seus latidos. Para já, música de dança. Uma penalidade mais ao Vitória e termina o desafio.

### Comentários

O que presenciámos não pode considerar-se um bom desafio de «foot-ball». Partida desenrolada em repêlões, sem virtuosismo que encantasse, perdeu em «association» e em velocidade. No 1.º tempo nenhum dos grupos brilhou nem exerceu dominio que se visse.

No 2.º tempo o Vitória, desfalcado com a expulsão de Zeferino, sujeitou-se à pressão que o Sporting exerceu sobre si, consentindo que as suas rédes fossem tocadas mais duas vezes. O Sporting, forçando o ataque, jogou neste meio-tempo mais e melhor que o grupo de Guimarães. Honra lhe seja!

**Arbitragem**

Nunca por nunca nos passou pela mente que viesse dirigir este encontro um inexperiente como o sr. Aurelino Lima, do Colégio de Arbitros de Coimbra.

Armado duma importância e estultícia que a ninguém enganou, o seu trabalho foi simplesmente mau e parcial. Desconhecedor em absoluto das regras do «foot-ball», não sabendo distinguir entre as cargas leais e as desleais, só o vimos fazer tolices e cometer erros palmares. E para prova desta asserção, fugindo ao clubismo que nos possam impugnar, transcrevemos as apreciações feitas pelo «Jornal de Sports», do Porto, e distribuído ontem nesta cidade:

«O Sporting continua a dominar e os jogadores protestam quando Mica obtém o 2.º goal, porque o árbitro na posição em que estava não viu que Mica tocou a bola com a mão. O árbitro não está a dirigir bem o encontro.»

E mais acima:

«O árbitro inexplicavelmente marca grande penalidade e Figueiredo, executando-o, obtém o 1.º goal para o Sporting.»

Verifica-se, pois, que o sr. Aurelino, que pelo nome não perde, desempenhou-se e bem da sua crassa ignorância em coisas da bola.

Torceu e retorceu o apito na boca e estatelou-se como um boneco de «fôgo chinês» que tivesse sido queimado em qualquer romaria ou... num campo de «foot-ball».

Safa!

L. COELHO.

## A' margem

### Atitudes feias

O regresso da caravana desportiva vimaranense fez-se com dificuldade e lentamente. Bastou esta pequena prologa para que os insultos chovessem, com chapadas de lama à mistura e atitudes feias do elemento feminino de Braga. Que S. Gregório lhes valha! E fechamo-nos para quaisquer outros comentários.

## Do País

**Unidade Militar** — A Câmara Municipal resolveu instar mais uma vez, para que seja colocada uma unidade militar em Guimarães, diligência esta que será acompanhada pelo chefe do Distrito.

**Espinho, 10** — O mar invadiu a esplanada, causando grandes destroços. Muitas pessoas tiveram de abandonar suas casas.

**Lisboa, 10** — Salvador Apolinário matou, em Cascais, a sua conversada Zulmira Rosa, ferindo-se involuntariamente, pelo que teve de recolher ao hospital.

**Trancoso, 10** — No lugar da Granja, realizou-se hoje um arraial, tendo-se dado uma grave desordem, em que foi assassinado José Gaspar Júnior, ficando gravemente ferido o pai deste.

**Cova de Santa Iria, 10** — Numa pedreira, deu-se hoje uma explosão que originou a morte do trabalhador Abílio Barroca. Ficou também gravemente ferido o trabalhador António Barroca.

**Lisboa, 11** — Regressou a Lisboa a Patrulha dos Combatentes, que percorreu o país a pé. Foi-lhe feita uma carinhosa recepção.

**Porto** — No Palácio de Cristal, sob a presidência do Sr. Governador Civil, realizou-se uma sessão de propaganda promovida pela Comissão da U. N. de Massarelos. Falaram os srs. Doutores Alberto Correia da Silva, António Rocha Ferreira, Tavares Adão, Conde de Aurora e o deputado Prof. Dr. Marques Carvalho.

— Cêrca das 7 horas da tarde foi encontrado na Avenida da Boa-Vista, prostrado, sem dar acôrdo de si, um individuo que aparenta 40 anos e que se supõe ter sido atropelado por um automóvel.

**Vila da Feira** — Em Rio Meão foi agredido à facada por um tal António da Zefa, Avelino Ferreira, de 22 anos, operário, daquele local, que ficou gravemente ferido, recolhendo ao hospital.

## Do Estrangeiro

**Addis-Abeba, 10** — A Imperatriz manifesta desejo de seguir para os campos de batalha, mas o Imperador e os Altos Dignatários têm-se oposto. A Imperatriz, porém, mantém-se no seu propósito, por ser sua obrigação correr os mesmos riscos do povo etíope.

**Somália, 10** — O General Graziani tomou hoje Fafebamch e dirige-se agora a Djidjigá, da qual está à distância de 200 quilómetros. E' o centro das comunicações mais importantes entre Addis-Abeba e Verbeira. Todo o Ogaden está na mão dos italianos.

**Paris, 10** — Os jornais ligam grande importância à conferência do embaixador da França em Berlim com Laval, ontem realizada.

**Frente do Tigré, 10** — A ala esquerda italiana tomou os planaltos que dominam os pontos estratégicos entre Macalé e Antelo.

**Roma, 10** — Nos círculos oficiais desta capital, não há nenhuma confirmação da tomada de Fafebameh pelas tropas italianas.

**Londres, 10** — O Ministério dos Estrangeiros esclareceu o decreto real das sanções contra a Itália.

— O Rei Jorge da Grécia parte 5.ª feira para Atenas, via Paris e Roma.

Crítica Semanal

Casa de espectáculos.

Estamos na época invernal, época que todas as casas de espectáculos e cinemas procuram chamar o público aos seus salões, a fim de ser deliziado com boas fitas e boas revistas, etc.

O luxuoso teatro da risonha vila de Fafe, recebe todos Domingos centenas de pessoas que ali vão, atraídas pelas fitas de grande "cartel", e que tanto sucesso têm obtido, no intuito de passarem algumas horas de requintado prazer.

Como Fafe, outras terras, muito mais pequenas, possuem as suas casas de espectáculos, pequenas ou grandes, que fazem com que as mesmas terras tenham todas as condições inerentes a terras civilizadas.

Ora, como deve ser do conhecimento de todos os nossos leitores, esta cidade não possui uma casa de espectáculos, com que, pelo menos aos Domingos, possa entreter os habitantes e todas as pessoas que, sentindo-se aborrecidas por não terem qualquer outro divertimento, ali vão passar algum tempo aplicado.

Posuís esta cidade simplesmente um barraco, denominado "Cinema Gil Vicente", onde há pouco tempo ainda se realizavam todas as sessões cinematográficas e onde diversas companhias faziam as suas representações.

Mas como o mesmo barraco, está em precárias condições, e a pedir socorro, pois o nome de barraco já significa o estado em que o mesmo se encontra, obsta a que se realize qualquer sessão teatral no mesmo.

Por diversos comunicados, sabemos que o mencionado barraco está encerrado em virtude de desavenças havidas entre o empresário e o respectivo senhorio, ou seja a Associação Artística Vimaranesa, desavenças estas originadas por certas obrigações que a mesma Associação impôs ao referido empresário.

Seja como for, não se admite, que uma cidade de tão elevada posição e população, esteja sujeita a vexames por parte de quem nos visita.

Estaremos privados a passar esta época cinematográfica sem uma casa de espectáculos decente e confortável? No caso afirmativo a quem devemos atribuir a culpa?

Isto que se passa, é indecente, é infame e é vergonhoso!...

A's entidades competentes reclamamos as mais urgentes providências, a fim de não termos de voltar a este deprimente assunto.

ARENDA J.ºr.

Seminário da Costa

Acabam de sair da casa do antigo Mosteiro da Costa, aonde tinham o seu Seminário Apostólico e aonde há 4 anos a esta parte exerciam, para glória de Deus e com tanta caridade e competência, o seu ministério de fazer bem as almas e socorrer tantos indigentes, os beneméritos PP. da Companhia de Jesus.

Correm lágrimas de muitos olhos, sangram muitos corações, perante a irreparável perda que a saída desses santos Varões vai trazer a Guimarães.

Durante mais de um ano, algumas pessoas que lhes são verdadeiras dedicadas, fizeram tudo quanto estava ao seu alcance para obter a essa saída. Durante esse tempo os próprios Religiosos fizeram bem conhecer e sentir que não podiam continuar a permanecer nesta terra por lho não permitir a despesa enorme a que se viam obrigados. Apesar de tudo isto, nada se pôde conseguir.

Quiz Nosso Senhor permitir, na sua infinita Sabedoria, que mais uma vez todos os esforços dos amigos dedicados fossem baldados. Os bons Religiosos viram-se obrigados, embora com mágoa, a ir procurar em outras terras o acolhimento que Guimarães, para sua vergonha e infelicidade, lhes recusava.

Apresentando aos que partem, o nosso sentido pesar e a homenagem do nosso profundo respeito, fazemos votos sinceros para que, para onde quer que vão os acompanhem as graças e bênçãos de Deus.

A Deus pedimos também que aqueles que hoje os deixam partir, podem do impedido, reconsiderem e voltem novamente e quanto antes a pedir o seu regresso a Guimarães que só terá a lucrar com a permanência aqui, de pessoas dignas por todos os motivos do respeito e veneração de todos os bons Vimaraneses.

F. B.



Pela Câmara

Em sua penúltima sessão a C. A. da Câmara resolveu adquirir três exemplares do livro «A viagem do Dilly» do sr. tenente Umberto da Cruz; officiar às juntas de freguesia onde as feiras se realizam ao domingo, lembrando-lhes a conveniência de irem fixando outro dia da semana para esse efeito; propor ao delegado do Instituto Nacional de Trabalho, em Braga, a alteração seguinte ao horário de trabalho nas Caldas das Taipas: «Que no dia do mercado (2.ª feira) os açougues abram às 8 horas e encerrem às 18».

Pela quantia de 775\$00 foram arrematados 210 metros quadrados de terreno baldio, desnesceado aos usos do Município, situado entre a linha férrea e o Ribeiro das Espadilhas, na freguesia de S. Miguel das Caldas deste concelho, sendo arrematante Manuel Alves, casado, alfaiate, de Vizela.

ANÚNCIO

No dia 24 do corrente mês de Novembro, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, para serem entregues a quem maior lance oferecer acima da avaliação, dos imóveis em seguida mencionados, penhorados ao executado Manuel Augusto Duarte, casado, negociante, do Largo 1.º de Maio, desta cidade, nos autos de execução de sentença que lhe move a firma Bernardino Jordão, F.ºs & C.ª, L.ª, com sede nesta cidade.

IMÓVEIS

Uma morada de casas com os n.ºs 38 e 40, de policia, sita na Rua Elias Garcia, desta cidade. Está descrita na conservatória sob o n.º 23 751 e vai à praça pela quantia de 7.000\$00.

Uma morada de casas com os n.ºs 1 e 7, de policia, na Rua de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.252 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 5 e 7, de policia, no bôco de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.253 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas com o n.º 9 de policia, situada no bôco de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.254 e vai à praça pela quantia de 900\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 11 e 13, de policia, no bôco de Trás-de-Gaia, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.255 e vai à praça pela quantia de 1.200\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 11 e 13, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.256 e vai à praça pela quantia de 2.500\$00.

Uma morada de casas situada, com o n.º 15, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.257 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Uma morada de casas, com o n.º 17, de policia, sita na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.258 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Uma morada de casas situada, com o n.º 19, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.259 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Uma morada de casas situada, com os n.ºs 21, 23 e 25, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.260 e vai à praça pela quantia de 3.000\$00.

Uma morada de casas situada, com o n.º 27, de policia, na rua das Lameiras, desta cidade. E' o prédio descrito na conservatória sob o n.º 31.261 e vai à praça pela quantia de 1.500\$00.

Cinco moradas de casas, com os n.ºs 34, 36, 38, 40 e 42, de policia, sendo uma de dois andares, no laço fronteiro à rua das Lameiras, e com quintal com ramadas e árvores de fruto e avidadas, sitas na rua do Montinho, desta cidade, fazendo também frente para aquela rua das Lameiras. São os prédios descritos na conservatória sob o n.º 31.262 e vão à praça pela quantia de 23.000\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 2 de Novembro de 1935.

O chefe da 2.ª secção,

Luis Cândido Lopes

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Silva Leal.

Éditos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Guimarães e primeira secção da respectiva Secretaria, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os portadores e quaisquer interes-

sados incertos que se julguem com direito aos dividendos não pagos, das acções da Companhia dos Banhos de Vizela, números: 26, 27, 28, 29, 30, 46, 52, 211, 484, 516, 679, 698, 869, 870, 871, 872, 873, 1028, 1040, 1942, 2185, 2443, 2531, 2532, 2635, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 3503 e 3504, relativos aos anos de 1896 a 1910 e desde 1913 a 1917, e os que tenham direito aos juros das obrigações da mesma Companhia, números: 6, 7, 8, 259, 318, 319, 373, 376, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 547, 548, 549, 657 e 672, também não pagos desde o ano de 1916 a 1929, para deduzirem a sua habilitação no prazo de 8 dias, depois de findo o prazo dos éditos, sob pena de não termos do § 4.º do art.º 71 do Dec.º 10.634, as importâncias dos dividendos e juros referidos serem declaradas vagas, e adjudicadas ao E.ºtado.

Guimarães, 2 de Novembro de 1935. Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Silva Leal.

O Chefe interino da 1.ª Secção,

Euripedes Eleazar de Brito.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Fêz anos no penúltimo domingo, dia 3, do nosso prezado amigo e conceituado negociante local, sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

No dia 6, quarta-feira, passou o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas.

Passa hoje o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. Joaquim José Novais.

Na próxima quarta-feira, dia 13, passa também o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. Manuel Sampaio Leite Basto. A todos apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

De visita a sua família e pessoas das suas relações esteve nesta cidade a sr.ª D. Guilhermina do Rosário Faria, nossa conterrânea, residente em Torrões Novas.

Encontra-se quasi restabelecida a sr.ª D. Maria Emília de Freitas Ribeiro.

Regressou das suas propriedades da Mota, a sr.ª D. Maria José Coelho da Mota Prego.

Encontra-se, com sua filha, nas suas propriedades, o sr. major António J. F. de Miranda.

Encontra-se nas Pedras Salgadas a tratar da sua saúde, o sr. Eugénio da Costa Vaz Vieira.

Encontra-se em Melgaço o negociante local sr. José Teixeira.

Partiram para Lisboa, os srs. Antero Henriques da Silva e Domingos Martins Guimarães.

Do Camarulo, onde esteve em tratamento, regressou a esta cidade a sr.ª D. Albertina Dias de Almeida, manipuladora auxiliar dos Correios e Telegrafos desta cidade.

Regressou a Lisboa o distinto official da Armada e nosso querido amigo sr. 2.º tenente Carlos Alberto Teixeira da Silva.

Regressou da Póvoa de Varzim, com sua esposa, o sr. José Luis Cardoso Carreira.

Estiveram entre nós os srs. Tenente Benjamim de Vasconcelos e Agostinho Rocha.

Têm estado doentes os srs. Pedro Nunes de Freitas e António Augusto de Almeida Carneiro.

Deu nos, na sexta-feira à noite o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Rodrigo Magalhães da Rocha Gomes, de Braga, na companhia de outros seus amigos daquela cidade.

FALECIMENTOS

Em Vila do Conde faleceu o sr. Alberto de Lencastre, irmão do sr. Antão de Lencastre, digno e estimado gerente da Agência do Banco de Portugal em Guimarães, a quem, por tal motivo, apresentamos as nossas condolências.

Faleceu um filho do sr. Augusto de Barros, empregado da Filial do B. N. U. desta cidade.

Também faleceu um filho do sr. João de Abreu Guimarães, proprietário em S. Martinho de Candoso.

Os nossos cumprimentos.

Indicações úteis

Contribuições

Até ao dia 10 de cada mês deve ser liquidado o imposto de camionagem. Os srs. Industriais de transportes tem de enviar, até ao dia 10 de cada mês, uma nota do movimento à Direcção Geral dos Serviços de Viação.

Cobrança de fóros

Até ao dia 10 do corrente encontram-se em pagamento os fóros, em casa do tesoureiro da Comissão de Bens Culturais, sr. Cândido José de Carvalho, à rua Egas Moniz.

Manifesto de milho

De harmonia com a lei devem os proprietários fazer o manifesto do milho, arroz, feijão, batata, vinho, etc.

Manifesto de vinho

Termina hoje o prazo para o manifesto do vinho da recente colheita.

Do Concelho

S. Torcato, 1.

(Recebida com atraso)

No domingo passado foram esta es'ância e o majestoso Templo de S. Torcato muito concorridas por forasteiros que em recreio vieram trazer as suas ofertas ao milagroso santo. Após um longo passeio no local e à Agua-do-santo retiraram optimamente impressionados.

No pretérito domingo, realizou-se na igreja matriz desta freguesia a linda festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, que foi muito brilhante e concorrida. Consteu de missa solene, sermão, uma linda procissão, muito fôgo de artifício, arraial com leilão de prendas, tendo sido arbrilhantada por uma banda de música.

No pretérito domingo, acompanhado de sua ex.ª família, almoçou nesta estância o sr. Ferreira, digno gerente do depósito de máquinas «Singer», da cidade de Guimarães. Após um demorado passeio nesta localidade, regressou, à noite, aquela cidade, acompanhado de sua família.

Na quarta-feira, regressou à quinta dos Morteados, Marco de Canavezes, o sr. Caetano Mesquita de Varconcelos, proprietário em S. Torcato e grande vinicultor naquele concelho. Ao nosso illustre hóspede desejamos muitas prosperidades.

Nesta região as colheitas do vinho estão concluídas; é de boa qualidade mas em pequena quantidade. Já pedem por cada pipa 550\$00 e 600\$00; como ainda existe nas adegas muito do velho, não há motivo para uma sobida tão inesperada, mas os proprietários aproveitam-se da ocasião para satisfazerem o seu egoísmo e mal dos que não tem.

Principiou hoje nesta freguesia o mês consagrado às Almas do Purgatório, tendo-se realizado exercícios espirituais na igreja matriz e no majestoso Templo de S. Torcato, por esta intenção, os quais foram muito concorridos. De tarde realizou-se ao cemiterio uma imponente e concorridíssima procissão, incorporando-se todas as irmandades e confrarias desta freguesia e bem assim a do milagroso S. Torcato, comemorando o aniversário deste grande e nunca esquecido dia de todos-os-santos.

Na quarta-feira passada, regressou a cidade de Guimarães, acompanhado de sua ex.ª família, o nosso ex.º amigo sr. Alberto Pimenta Machado, grande proprietário nesta freguesia e importante industrial e capitalista. Ao grande benfeitor de S. Torcato os nossos cumprimentos de felicitações.

Durante o mês de Outubro findo, o movimento no Posto do Registo Civil de S. Torcato, foi de: casamentos, 6; nascimentos, 15, e 4 óbitos.

Acompanhado de sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Maria Olinda Gomes da Costa Fernandes, professora aposentada, deu-nos a honra da sua visita a esta estância, aonde são proprietários, o distinto professor e jornalista da cidade de Braga sr. António José de Oliveira.

Aos nossos illustres hóspedes apresentamos os nossos cumprimentos.

No sábado de manhã celebraram-se três missas no Templo do milagroso S. Torcato e duas na igreja matriz, por alma dos fiéis defuntos

Caldas das Taipas, 30.

Um passeio à Póvoa de Varzim

(Retardado na Redacção)

Domingo. O sol desponta no horizonte meigo e acariciador e vai subindo no espaço e espalhando os seus raios rutilantes por entre a tênue neblina da manhã que a pouco e pouco por completo dissipa.

O relógio da torre da minha freguesia bate compassadamente as 8 horas e a caravana de oito caminhetas se põe em marcha em demanda da linda praia do norte.

As mães e os rapazes novos comemam de cantar variadas canções entrecortadas pelos dits jucosos nas inofensivos, numa alegria própria das suas almas juvenis.

Vamos atravessando centros populares como Brito, Ronfe — centro fabril de nome feito no meio industrial — Joane, etc.; terras de exuberante produção agrícola e de verdadeira a esmalta-lhes os campos, de margem dos quais se levantam árvores majestosas, cuja folhagem amarelada vai caindo ao leve toque da brisa que corre.

Chegamos a Famalicao. Apenas uns minutos de paragem que aproveitamos para visitar o qualltel dos Fomalicenses. corporação de bombeiros com seis anos de existência apenas, mas que dispõe já de excelentes viaturas e material abundante para o serviço de incêndios.

Recebe-nos um individuo ainda novo, de trato delicado, que nos acompanha e amavelmente nos vai mostrando todas as dependências: — Um amplo salão de reuniões em volta do qual pendem da parede imensas fotografias dos sócios mais dedicados, destacando-se entre elas a do seu brioso comandante, um distinto official do exercito; salas de leitura devidamente apetrechadas de uma razoável biblioteca, e, por último, um bem montado consultório médico, uma das coisas indispensáveis em corporações desta natureza que desejem dispensar aos seus associados a assistência de que carecem. Mobilitário modesto mas decente. Em tudo se notava limpeza e asseio, o que honra sobremaneira os seus corpos gerentes.

Sinal de partida. De novo a força motriz dos carros nos leva bruscamente, fazendo nos desaparecer da vista a importante e laboriosa vila. E de

quando em quando se nos vão deparando lindos prédios que marginam a longa estrada, com os seus campos, as suas matas, casinhas brancas ao longo dispersas pelas encostas, panorama lindissimo que os nossos olhos vão contemplando em extase.

9,45 quando chegamos à Póvoa. Em frente à Matriz uma multidão estacionava, à espera da missa das 10.

A uma esquina três mirones, das Taipas, de sorriso escarminho nos esperavam, cochichando.

Apeamo nos e aguardamos a chegada das outras caminhetas que vão chegando lentamente devido à intervenção de duas brigadas de policia das estradas que no tracto nos appareceram, forçando a aborrecida demora.

Mas — louvado Deus! — dentro em breve nos encontramos juntos.

A Banda dos Bombeiros das Taipas que acompanha a excursão apresta-se para percorrer a encantadora vila e os primeiros acordes soam no espaço, dirigindo se à residência do sr. Administrador do Concelho que foi de uma extrema amabilidade para com os excursionistas o que aqui registamos com prazer e agradecemos penhorados.

Entramos no vetusto e sumptuoso templo e eis que, de repente, apparece ao altar o novo Prior da freguesia P.º José António Afonso Vieira que começa a celebrar a missa a que assistimos. O espaço tempo achava-se repleto. Terminado o religioso acto, o nosso bom povo para não criar atritos ao virtuoso pároco, espera-o no átrio da igreja para o cumprimentar, à saída.

Assim succede; apenas é deixado à porta principal, uns após outros o vão cumprimentando, havendo palavras afectuosas, que S. Ex.ª agradece profundamente comovido.

Forma-se em seguida o numeroso cortejo que o acompanha à residência paroquial — um pouco distante da igreja — aonde de novo o benquisto sacerdote agradece a prova de amizade que acabam de lhe dar, manifestando imenso pesar por não poder — diz comovido — retribuir, dando de comer em sua casa a toda a esta gente!

Tudo debandou, indo em seguida saciar o apetite um tanto aguçado já pelo adiantado da hora.

São 15 horas. No corêto da explanada da praia a Banda das Taipas está a postos para dar começo ao concerto e surgem as primeiras notas da peça, que um auto-falante anuncia.

Nota-se um grande movimento e depressa o grande largo se cobre de gente.

Observa-se grande animação. Até o Cego do Maio — sagrada reliquia da Póvoa — sem contudo sair da sua attitude de decisão e firmeza — enquanto vigia a maré e vela pelos pequenos barcos que andam à pesca, assiste, imóvel, deixando transparecer no seu feiço brusco de homem do mar um leve sorriso de satisfação, ao agradável concerto dedicado pelo taipenses ao bom e hospitaleiro povo da sua terra!

Fassam despercebidas as horas. E quando a noite ia caindo e cobrindo a terra com o seu manto de crepes, uma grande e pesada sombra envolvia, simultaneamente, a alma do pobre cronista, que sentia imensa pena de não poder adiar por alguns dias o regresso à sua terra.

E assim vem cogitando durante a viagem nas aspérrimas dificuldades da vida, nas responsabilidades de chefe de família numerosa, sem ter imaginado que, na sua chegada às Taipas, fosse aguardado por um razoável número de soldados da G. N. R., não fossem os excursionistas levar a efeito algum movimento sedicioso!

C. R. C.

Briteiros, 6.

Por espirito de emitação...

mas faltando à verdade, posto que tarde e a más horas

O nosso colega das Taipas, em noticiário de 31 do p. p., para o «Correio do Minho», informa ter sido visitado o actual pároco dali, sr. P.º Silva Gonçalves, por grande número de Póveiros, citando nomes, pelo que constatamos que essas visitas, na quasi totalidade, tiveram lugar semanas antes, ou seja no domingo 13 do mesmo, resolvendo-se o dito colega a dar isso agora à publicidade e como sendo noticia fresca e de oportunidade, depois de nós termos noticiado a ida muito depois, das Taipas à Póvoa de Varzim, de uma grande excursão, composta de cerca de 200 pessoas que, acompanhadas da Banda de Música Taipense, se fizeram ali trans-

ferir em várias camionetes, afim de saudar o sr. P.º José, seu ex-pároco, mostrando-lhe quanto o amavam e veneravam e quanto as Taipas sentem a sua falta.

Já temos constatado, e connôco muitos leitores, e até colegas das Taipas, que foi preciso que nós fôssemos nomeado correspondente de alguns jornais, em Briteiros, para que alguns colegas das Taipas pusessem a sua escrita em dia, levados pela nossa pontualidade de informador dos jornais que representamos. Mas ainda assim constatamos, não sem desolação, que, como se pode verificar pelos factos, alguns resolvem-se a informar os seus jornais tarde e a más horas.

Foi preciso que nós começássemos a informar dos preços do mercado semanal das Taipas, às segundas-feiras, e bem assim do movimento mensal do Posto do Registo Civil da mesma localidade, para que eles (colegas) se resolvessem a imitar-nos, cumprindo o seu dever e tirando-nos esse trabalho que, realmente, só a nós competia.

Ainda o mesmo colega, em noticiário de 27 do mesmo p. p. mês, para o «Diário de Notícias», informa este jornal de que tomara posse do lugar de pároco daquela freguesia o sr. P.º Silva Gonçalves, que fôra ali bem recebido — o que nós não contestamos... — sendo cumprimentado pelas entidades e corporações da paróquia.

Não fôsse êle (colega) presidente da Junta da mesma paróquia!

Lamentamos, porém, que o colega, ao escrever essa noticia, não tenha informado, talvez por esquecimento..., que o sr. P.º Silva Gonçalves fôra ali recebido por uma grande multidão de povo que, ao toque dos sinos a rebate, saiu para a rua, dizendo-lhe que se fôsse embora, pois nunca pagariam os direitos senão ao sr. P.º José, que estava ali a paroquiar, sendo preciso reclamar uma Força da G. N. R., de Guimarães, que compareceu prontamente, sob a direcção dum tenente, seu Comandante, e armada de carabinas e metralhadora, dispersando a multidão para evitar o excesso do entusiasmo!..., tendo feito várias prisões.

Não falaríamos mais no assunto, se não fôra o colega das Taipas ter mandado para os jornais noticias sobre o mesmo, não só extemporâneas como não traduzindo a verdade dos factos.

C.

Dos Livros. Dos Jornais.

«Noticias de Famalicao»

Visiton-nos um novo colega — «Noticias de Famalicao», — que, como nós, vem enfileirar na imprensa regionalista, defendendo as causas justas da terra que representa.

De aspecto gráfico excelente e com brilhante colaboração, ao novo e distinto colega estará reservado um longo e próspero futuro, como tanto desejamos.

E' seu redactor principal e secretário de redacção, respectivamente, os nossos distintos camaradas srs. Rebelo Mesquita e J. Oliveira Júnior.

Agradecemos a visita e fazemos votos pelas prosperidades do «Noticias de Famalicao».

Obras recebidas

Por absoluta falta de espaço não nos podemos referir ainda neste numero e com o devido desenvolvimento, a alguns livros recebidos e cuja recepção já acusamos, que temos sobre a nossa banca de trabalho.

VENDEM-SE

1 casa de 2 andares, com quintal e ramadas, com os n.ºs 42 e 46, na Rua de Trás-Gaia (Montinho).

— 4 casas com os n.ºs 34 a 40, na mesma Rua.

— 12 casas com os n.ºs 5 a 27, no Bêco de Trás-Gaia.

— 5 casas com os n.ºs 0 a 7, em Trás-Gaia (Rio).

Falar na Rua 5 de Outubro, n.º 22.

CAMISAS-GRAVATAS GRAVATAS-CAMISAS

SÓ NA LOJA DAS CAMISAS

JUNTO AO CAFÉ ORIENTAL

20.000\$00! Emprestamos sobre hipotéca. Informes nesta redacção.

RIBEIRO, FILHO

(ALFAITE)

Convida os seus Ex.ºs Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.